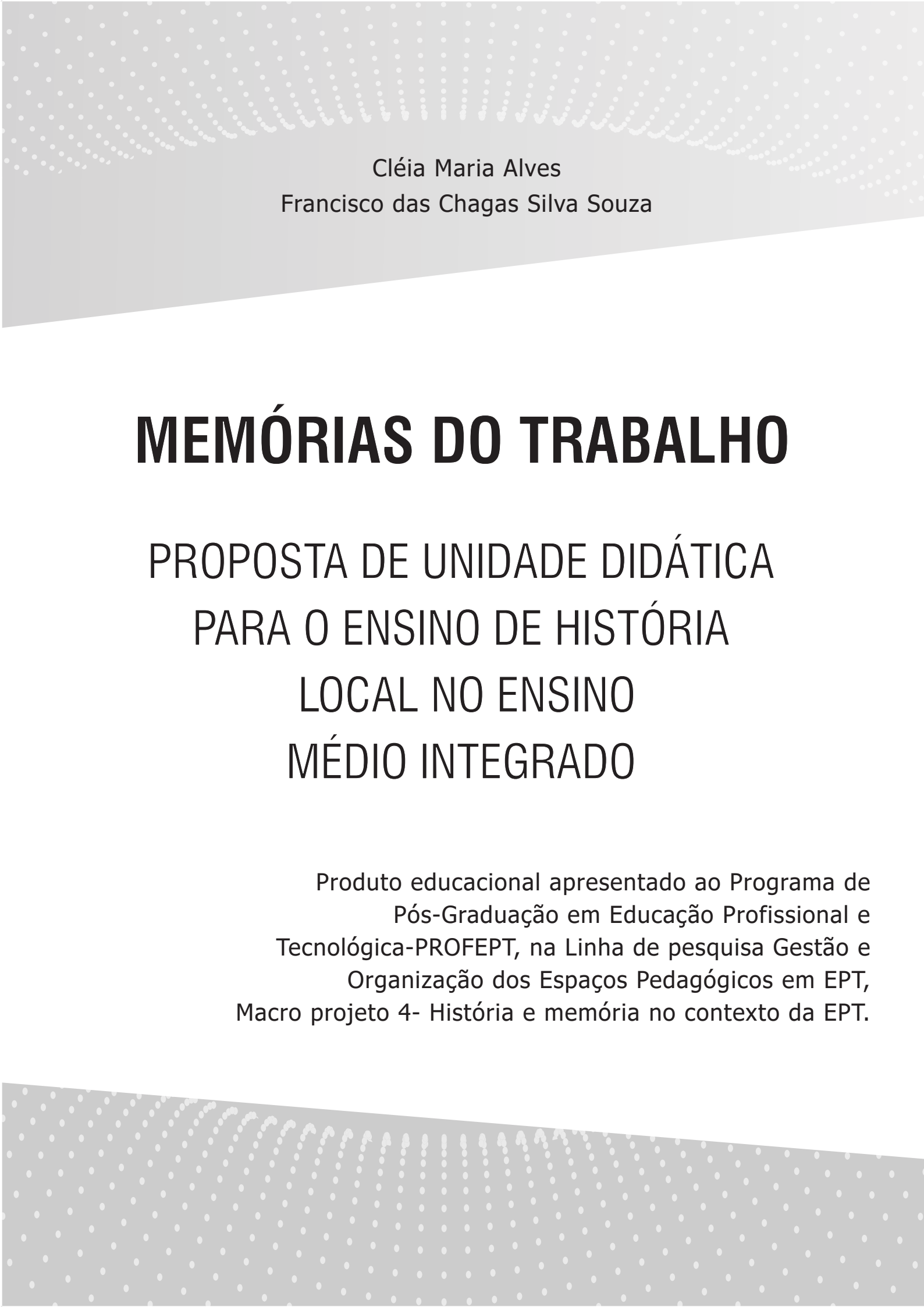


Cléia Maria Alves  
Francisco das Chagas Silva Souza

# MEMÓRIAS DO TRABALHO

PROPOSTA DE UNIDADE DIDÁTICA  
PARA O ENSINO DE HISTÓRIA  
LOCAL NO ENSINO  
MÉDIO INTEGRADO





Cléia Maria Alves  
Francisco das Chagas Silva Souza

# MEMÓRIAS DO TRABALHO

## PROPOSTA DE UNIDADE DIDÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Produto educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica-PROFEPT, na Linha de pesquisa Gestão e Organização dos Espaços Pedagógicos em EPT, Macro projeto 4- História e memória no contexto da EPT.



FICHA CATALOGRÁFICA  
Biblioteca IFRN – Campus Mossoró

A474

Alves, Cléia Maria.

Memórias do trabalho : proposta de unidade didática para o ensino de história local no ensino médio integrado / Cléia Maria Alves, Francisco das Chagas Silva Souza – Mossoró, RN, 2019.

30 f. : il. color.

Produto Educacional integrante da Dissertação: Memórias do trabalho na mineração Brejuí (Currais Novos-RN) : proposta de unidade didática no ensino de história local no ensino médio integrado (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, 2019.

1. Ensino de História – Unidade didática 2. História Local – Unidade didática. 3. Ensino médio integrado – Unidade didática. I. Souza, Francisco das Chagas. II. Título.

CDU: 373.5:930.1(0.078)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária  
Elvira Fernandes de Araújo Oliveira CRB15/294

# SUMÁRIO



01 - Apresentação.....	<b>05</b>
02 - A Mina Brejuí.....	<b>07</b>
03 - Ensino de História local, Memória e consciência histórica na EPT.....	<b>10</b>
04 - A Unidade Didática para o ensino de História local e memórias do trabalho na Mina Brejuí.....	<b>15</b>
05 - Etapas da Unidade Didática.....	<b>16</b>
06 - Algumas sugestões para o professor.....	<b>23</b>
07 - Considerações Finais.....	<b>25</b>
08 - Referências.....	<b>26</b>

# APRESENTAÇÃO



**Caro (a) professor (a),**

**A**presentamos uma proposta de Unidade Didática para o ensino de História Local com foco nas memórias do trabalho, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Mestrado Profissional em Rede Nacional, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Mossoró.

Nossa pesquisa resultou em um produto educacional destinado aos professores de História do Ensino Médio Integrado (mas que pode ser adaptado à Educação Básica em geral) que pretendam trabalhar a partir de conteúdos da História Local, enfocando o mundo do trabalho e suas transformações.

Por conseguinte, elaboramos uma proposta de Unidade Didática para o ensino da História Local, acerca das memórias do trabalho na Mina Brejuí, em Currais Novos-RN. A Mina Brejuí constitui-se em um lugar de memória do trabalho que oportuniza aos alunos e visitantes conhecer in loco, um importante capítulo da história econômica da região, por meio de visitas aos locais de trabalho (galerias subterrâneas) e aos espaços museológicos que retratam a história de Currais Novos no período do auge da produção do minério da scheelita e de uma amostra das riquezas minerais da região do Seridó.

A Unidade Didática foi aplicada na Escola Estadual Manoel Salustino, localizada na zona rural do município de Currais Novos-RN, com 12 alunos do 2º ano do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Mineração.

O uso deste produto na Educação Profissional e Tecnológica justifica-se pelo fato de ter sido aplicado no contexto do Ensino Médio Integrado que tem como princípio a formação integral ou omnilateral, que possibilite aos sujeitos o acesso aos conhecimentos científicos e profissionais, numa perspectiva crítica e reflexiva, tornando-os cidadãos autônomos e emancipados na tomada das decisões sociais. Dessa forma, o Ensino Médio Integrado, objetiva a superação da dualidade estrutural no sistema educacional brasileiro, expressa por uma educação propedêutica destinada à formação da classe dirigente e por uma formação instrumental destinada à classe trabalhadora. Nesta perspectiva, o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica visa garantir ao jovem trabalhador uma formação global que possibilite uma leitura crítica do

mundo e uma cidadania emancipada.

Ressaltamos que, para a elaboração deste produto educacional, foram consideradas as teorias acerca do ensino de História, História Local e consciência histórica a partir dos autores: Bittencourt (2011), Schmidt e Cainelli (2009), Fonseca (2006), Jörn Rüsen (2001), Barca (2007). A prática pedagógica no contexto do Ensino Médio Integrado foi discutida com base nas Diretrizes Curriculares para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (2013), e em autores como Moura (2007), Araújo (2014), Ciavatta (2015), Ramos (2010) e do Projeto Pedagógico do Curso (2017) de Mineração da Escola Estadual Manoel Salustino, Currais Novos-RN. Para o desenvolvimento da oficina de História Oral, pautamo-nos sob as orientações de Santhiago e Magalhães (2015), Alberti (2004) e Meihy (2005).

Esperamos que este produto educacional desenvolvido e implementado, possa contribuir com aquele docente na área de História que pretende inserir na sua prática conteúdos sobre a História Local, memória e narrativas orais, como ferramentas para a construção do conhecimento histórico, numa perspectiva crítica e reflexiva.

É válido ressaltar que o projeto que originou essa unidade didática foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi - FACISA, Santa Cruz- RN.

**Esperamos ajudá-lo (a).  
Um ótimo estudo!**

# A MINA BREJUÍ

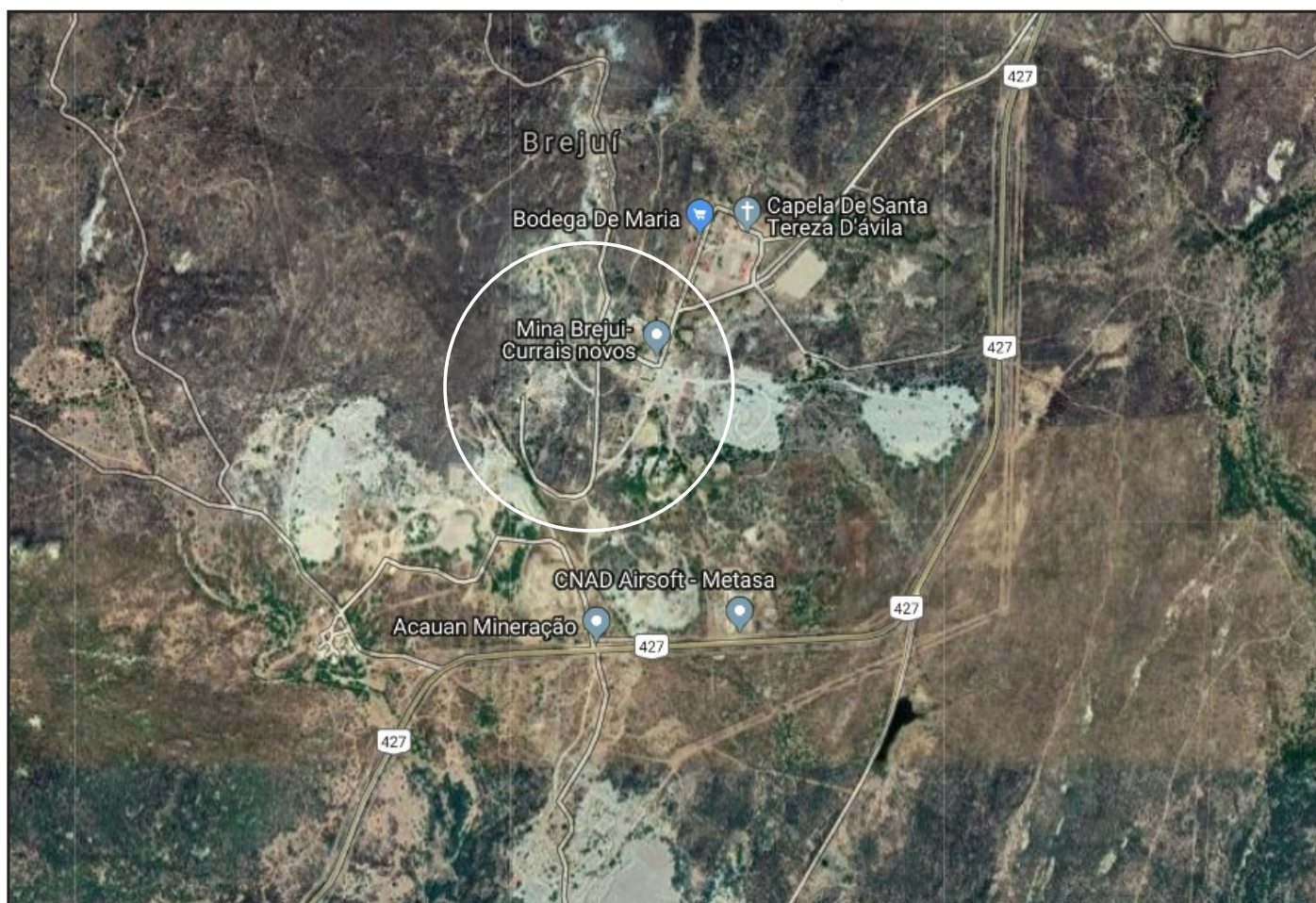
A Mina Brejuí está localizada a oito quilômetros da cidade de Currais Novos-RN. Considerada a maior produtora de scheelita da América do Sul, foi responsável pelo crescimento e desenvolvimento da economia local entre os anos de 1943 e 1990. A exploração

Figura 1: Galerias subterrâneas da Mina Brejuí.



Fonte: Autoria própria.

Figura 2: Localização da Mina Brejuí.



Fonte: Google Maps

das atividades iniciou-se nos anos 1940, com a descoberta do minério na região, e teve o seu auge durante a Segunda Guerra Mundial, fornecendo minérios às indústrias para a produção de materiais bélicos, tendo os Estados Unidos como o seu principal mercado consumidor.

A Mineração Brejuí foi fundada pelo Desembargador Tomaz Salustino de Melo. Porém, somente em 1954 foi constituída a empresa com o nome Mineração Tomaz Salustino S/A. Durante esse período, a atividade mineradora atraiu um considerável número de trabalhadores, em sua maioria agricultores, deslumbrados pela a exploração do minério e com a perspectiva de obtenção de melhores condições de vida.

Diante deste cenário, a cidade de Currais Novos esteve atrelada à ideia de desenvolvimento

**Figura 3:** Memorial Tomaz Salustino e Museu Mineral.



Fonte: Autoria própria.



e progresso, e, por isso, atraía cada vez mais os trabalhadores norte-rio-grandenses e estados vizinhos. Consequentemente, a cidade cresceu e foi beneficiada com a construção de prédios que referenciavam a mina, como Hotel Tungstênio, a Rádio Brejuí, o Cine Teatro Desembargador Salustino e a praça com o mesmo nome, dentre outras obras e instituições que fazem referência e manifestações honoríficas à família Salustino, como o Grupo Escolar Manoel Salustino, a Praça Tetê Salustino e a Maternidade Ananília Regina, mãe do Desembargador.

Contudo, a partir dos anos 1980, a mineração sofreu um declínio, chegando a paralisar as atividades no final da década de 1990, devido à oscilação dos preços internacionais da scheelita, dada à entrada da China no mercado, com preços baixos, inviabilizando a exploração do produto. Em meio à crise, a cidade assistiu atônita ao êxodo e desemprego de dois mil trabalhadores.

Com a paralisação da produção da scheelita, a cidade de Currais Novos, que outrora foi a capital da scheelita, passou a buscar formas de sinalizar uma memória voltada para os tempos áureos da mina, como a construção de uma estátua em homenagem ao minerador, erguida na entrada da cidade, e a instalação de vagonetes (veículo utilizado para transportar o minério dos túneis com a logomarca da Mina Brejuí), nas rotatórias das principais ruas.

Além disso, os nomes das ruas relacionados aos variados minérios e dos prédios comerciais tais como Rádio Ouro Branco, a papelaria Mina do Ouro e eventos culturais como Carnaxelita.

Diante deste panorama, a Mina Brejuí transformou-se em um parque temático e atualmente constitui-se em um patrimônio histórico e cultural, com criação, em 2006, do Museu Mineral Mário Moacyr Porto e o Memorial da Família Tomaz Salustino, sendo visitados frequentemente por estudantes e turistas, oportunizando a atividade turística e pedagógica do cenário que restou da mina, as galerias subterrâneas (túneis) ricos em acervos mineralógicos, as dunas brancas formadas pelos rejeitos da scheelita, a memória dos antigos garimpeiros, a Vila dos operários e a Escola Estadual Manoel Salustino.

# Ensino de História Local, Memória e consciência histórica na EPT.

O ensino de História, na atualidade, desempenha uma função primordial na formação dos alunos, ao adotar práticas que contribuem para atitudes críticas e reflexivas. Nesse sentido, consideramos que a História Local, possibilita o aluno refletir sobre seus valores e práticas cotidianas e assim articular a história individual a uma história coletiva.

Para Bittencourt (2011), a história do cotidiano contribuiu para que vários historiadores refletissem e reconhecessem a necessidade desta temática, com a finalidade de fazer emergirem as tensões sociais do dia a dia, as formas improvisadas de lutas, de resistência e de organizações diferentes estabelecidas pelo o poder institucional.

A introdução da história do cotidiano deve ser utilizada como prática pedagógica, “pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação” (BITTENCOURT, 2011, p. 168).

Com isso, a História Local desempenha um papel importante no contexto escolar, pois, possibilita a compreensão da realidade do aluno em vários espaços de convivências.

Dessa forma, o trabalho com a memória e a História Local facilita a construção de várias histórias silenciadas e sujeitos históricos que não tiveram acesso à história. Por isso, a problematização da história local, “[...] fundamenta-se na história do cotidiano e apropria-se de seus métodos, com o objetivo de inserir as ações de pessoas comuns – homens, mulheres, crianças e velhos – na constituição histórica, e não exclusivamente as ações de políticos e das elites sociais” (BITTENCOURT, 2011, p. 114).

A memória desempenha um papel importante, pois está associada à busca de referências e fundamentos na construção de identidades possibilitando a compreensão do conhecimento histórico. Com isso, um compromisso fundamental da História encontra-se na sua relação com a memória, livrando as novas gerações da “amnésia social” que compromete a constituição de suas identidades individuais e coletivas. (BRASIL, 2006).

Nesta perspectiva, a pesquisa sobre o mundo do trabalho a partir da memória de trabalhadores (no caso da nossa pesquisa, antigos garimpeiros), assim como as práticas cotidianas, torna-se um instrumento necessário, no sentido de proporcionar ao aluno a reflexão sobre as concepções de memórias associadas aos diversos grupos sociais, oportunizando uma aprendizagem significativa e crítica sobre a preservação e manutenção da memória.

Neste contexto, é importante ressaltar que, o trabalho com as fontes orais, desempenham um papel importante na reconstrução das memórias. Para Santhiago e Magalhães (2015) “ mais do que informar sobre acontecimentos, a fonte oral descortina o significado que eles tiveram para as pessoas que os viram ou vivenciaram. Tanto os fatos quanto as percepções sobre tais acontecimentos são importantes na construção do conhecimento” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 23)

Diante disso, a utilização da História Local a partir da memória, como prática pedagógica constitui-se como o elemento essencial para a operacionalização da consciência histórica e, é por meio dela que os fatos são lembrados e atualizados, como forma de ligações entre diferentes temporalidades.

De acordo com Schmitd e Cainelli (2009, p.140), “o trabalho com a história local no ensino da História facilita, também, a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas”.

De acordo com Rüsen (2001), a consciência histórica é um fenômeno intrínseco a espécie humana, é “a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e si mesmos de tal forma que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2001, p. 57).

Sob esta ótica, ensinar história considerando a consciência histórica, “é desenvolver atividades que permitam que o educando conheça história- de preferência a história que, de forma mais aproximada, seja sua história- ao mesmo tempo que conhece diferentes formas pelas quais se lhe atribui significado” (CERRI, 2011, p.130).

Paulo Freire também contribui para estas reflexões, em sua obra “Conscientização: teoria e prática da libertação”. Segundo o autor:

[...] os homens são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetivada. É precisamente isto, a práxis humana, a unidade indissolúvel entre a minha ação e minha reflexão sobre o mundo. [...] a conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: É inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. (FREIRE, 2006, p. 29-30)

Diante de tais considerações, é importante o desenvolvimento de práticas educativas problematizadoras que possibilitem uma aproximação crítica reflexiva da realidade estudada considerando as experiências dos educandos como ponto de partida para o trabalho pedagógico.

Assim, a prática educativa no ensino de História no Ensino Médio Integrado em Mineração, sobre o mundo do trabalho, constitui-se em um mecanismo para construção do conhecimento, a formação da consciência histórica e a compreensão das identidades individuais e coletivas, de forma que os alunos possam intervir na sua realidade a partir de uma atitude reflexiva e dialógica.

Partindo deste pressuposto, convém ressaltar que, as atuais propostas curriculares para o ensino de História no nível Médio - inclusive na modalidade da Educação Profissional-, viabilizam a formação de jovens cidadãos críticos, capazes de realizar trabalho e refletir sobre o mundo no qual está inserido, no sentido de transformá-lo.

Sob este contexto, é importante mensurar que o ensino de História, vem sendo permeado por novas propostas, fontes e métodos de pesquisa propiciando a construção do conhecimento histórico em diferentes níveis de ensino, inclusive na Educação Profissional que esteve ao longo de sua história, atrelada a um modelo de ensino tecnicista, que acabou contribuindo para que o ensino de História nas escolas técnicas desempenhasse uma função secundária e instrumental.

Nestas condições, ao se pensar em uma prática educativa para o ensino de História que possibilite uma formação global dos sujeitos, é necessário desenvolver atividades pedagógicas que sinalizam para a superação do saber fragmentado, tendo em vista uma educação integral que visam à formação de sujeitos críticos e reflexivos.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, a educação deve contemplar a formação para o trabalho, como um direito fundamental dos sujeitos, possibilitando uma formação integral, que implica atender as várias dimensões do ser humano e que consiga superar a dicotomia entre o trabalho manual e intelectual, ação de fazer e pensar.

Desta forma, observa-se que esta nova referência legal é fruto da preocupação em superar a dicotomia constituída historicamente, tendo em vista uma proposta fundamentada na concepção de uma educação tecnológica ou politécnica, a qual sinaliza para uma formação omnilateral “centrada no trabalho, na ciência e na cultura, numa relação imediata com a formação profissional

específica que se consolida em outros níveis e modalidades de ensino” (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2012, p. 35).

Neste sentido, a possibilidade de integração do Ensino Médio com a Educação Profissional, consiste no sentido de que:


[...] a formação integrada ou do ensino médio integrado ao ensino técnico, queremos que a educação geral se torne parte inseparável da educação profissional em todos os campos onde se dá a preparação para o trabalho [...] significa que buscamos enfocar o trabalho como princípio educativo, no sentido de superar a dicotomia trabalho manual/ trabalho intelectual, de incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes cidadãos. (CIAVATTA, 2012, p. 84)

Considerando o Currículo do Ensino Médio Integrado em Mineração da Escola Estadual Manoel Salustino, em Currais Novos-RN, as propostas pelas quais os agentes se propõem a desenvolver, buscam, a formação humana integral, o trabalho como princípio educativo, tendo sua relação com a ciência, tecnologia e a cultura e adotar metodologias de ensino que estimulem a iniciativa dos estudantes, tais como, o uso da pesquisa como princípio educativo e que o aluno saiba aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos na vivência e experiência cotidiana. (RIO GRANDE DO NORTE, 2017).

A partir desta reflexão, entende-se que a categoria trabalho constitui-se como potência criativa, visando à participação dos membros no trabalho socialmente produtivo, encaminhando para a superação da dicotomia entre a atividade prática e a intelectual.

Diante disso, relacionando a pesquisa sobre o mundo do trabalho na Mina Brejuí, é importante que os alunos compreendam o sentido do trabalho no seu sentido histórico e ontológico, possibilitando construções intelectuais e a compreensão do processo histórico e construção do conhecimento.

De acordo com a concepção de Freire (1996), ensinar exige pesquisa e não há ensino sem pesquisa, e esta é uma prática pedagógica necessária à educação, pois estimula a capacidade criadora do educando e a formação da consciência crítica. A formação dos sujeitos deve ser para além da preparação técnica e científica, inclusive não ser uma educação bancária em que o professor deposita



inúmeras informações e o aluno memoriza para um fim, não servindo para aplicar nas diversas situações da vida social.

No tocante a Educação Profissional e Tecnológica, é importante destacar que, a formação para o trabalho deve ser entendida como um processo amplo em sua totalidade social, concretizando em processos educativos que contribuam para a formação dos sujeitos numa perspectiva libertadora; transformando-os em seres críticos e emancipados, conduzindo-os a participarem do processo histórico e social.

Tomando o Currículo Integrado como possibilidade para materialização dos saberes e para efetivação da prática docente, é importante destacar que o trabalho e o ensino devem ser elementos indissociáveis contribuindo para formação humana integral dos sujeitos.

Segundo Moura (2007) “contextualizar a aprendizagem significa superar a aridez das abstrações científicas para dar vida ao conteúdo escolar relacionando-o com as experiências passadas e atuais vivenciadas pelos estudantes/educadores, projetando uma ponte em direção ao seu futuro e ao da realidade vivencial” (MOURA, 2007, p. 24).

Desse modo, o presente estudo oportuniza possibilidades de alternativas pedagógicas para o ensino de História na Educação Profissional, tomando como parâmetros, o Currículo Integrado, orientado pela ideia da formação humana, com o propósito de favorecer aos alunos, à compreensão de sua realidade específica e a relação desta com a totalidade social, visando, portanto, o desenvolvimento da consciência histórica, conduzindo-os à emancipação social.

# UNIDADE DIDÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E MEMÓRIAS DO TRABALHO NA MINA BREJUI

**A**s atividades que compuseram a Unidade Didática foram realizadas a partir de aplicação de questionário diagnóstico, aula expositiva dialogada, visita técnica, rodas de conversa, oficina de História oral, realização de entrevistas, socialização dos conhecimentos e avaliação da Unidade Didática junto aos alunos. As atividades foram desenvolvidas ao longo de 08 encontros, com duração de 45 minutos cada, totalizando 18 horas/aula.

Para o desenvolvimento de uma Unidade Didática com foco na História Local e as memórias do trabalho na Mina Brejuí, adotamos as quatro fases da intervenção planejada na pesquisa-ação, proposta por Dione (2007)

a) identificação das situações iniciais (diagnóstico geral da situação, sensibilizar os participantes para as hipóteses explicativas)

b) projeção das ações (construção de um plano de ação, definir estratégias a serem realizadas).

c) realização das atividades previstas (organizar e coordenar as atividades, implementar as atividades de pesquisa e de ação e avaliar continuamente as atividades).

d) avaliação dos resultados obtidos (análise conjunta dos resultados da pesquisa, definir critérios da avaliação e difusão dos resultados).

## O que é uma Unidade Didática?

Sequência Didática ou Unidade Didática é um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos, tanto pelos professores, quanto pelos alunos.  
(ZABALA, 1998, p. 18)

# ETAPAS DA UNIDADE DIDÁTICA

**1º ENCONTRO:** identificação das situações iniciais.

Para identificação das situações iniciais, é importante que o professor pesquisador aplique uma atividade para diagnosticar os conhecimentos prévios dos alunos.

**ATIVIDADE I:** Questionário diagnóstico

- **Objetivos:** Diagnosticar os conhecimentos prévios dos alunos acerca da temática a ser estudada.
- **Metodologia:** Aplicação de questionário diagnóstico impresso em papel A4.
- **Material utilizado:** papel, quadro branco, pincel e apagador.



**2º ENCONTRO:** projeção das ações.

**ATIVIDADE II:** Aula expositiva e dialogada.

Para a aula expositiva e dialogada, é importante desenvolver a capacidade crítica do aluno, “dando-lhe uma dimensão dialógica e contribuindo não apenas para o repasse de conteúdos, mas também de sua reelaboração, inclusive coletivamente” (ARAÚJO, 2015, p.109).

“O que se pretende com o diálogo não é que o educando reconstitua todos os passos dados até hoje na elaboração do saber científico e técnico. Não é que o educando faça adivinhações ou que se entretenha num jogo puramente intelectualista de palavras vazias. O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento experiencial), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la”. (FREIRE, 1983, p. 34).



# ETAPAS DA UNIDADE DIDÁTICA

- **Objetivos:**

- Possibilitar ao aluno uma reflexão sobre a importância dos estudos sobre a História Local e a construção das memórias oficiais, em detrimento de outras.

- Instigar os alunos à participação, à curiosidade e o diálogo sobre a temática abordada.

- **Duração:** 2h/a

- **Metodologia:** Aula expositiva dialogada, apresentação com uso de slides e fotografias sobre os lugares de memória, a toponímia local dentre outros temas que venham a surgir com relação ao tema abordado.

Os **encontros** 3 a 7 correspondem à fase da realização das atividades previstas da pesquisa-ação.

**3º ENCONTRO:** Realização das atividades previstas.

**ATIVIDADE III:** Visita técnica aos lugares de memória do trabalho (Museu Mineral Mário Moacyr Porto e Memorial Tomás Salustino e locais de trabalho).

De acordo com Libâneo (2013), o estudo do meio, mais do que uma técnica didática, é um método de ensino que concorre para a assimilação ativa dos conteúdos, que não se restringe apenas a passeios e excursões, mas se refere a todos os procedimentos que possibilitam o levantamento, a discussão e a compreensão de problemas concretos do cotidiano do aluno, sua família, seu trabalho, sua cidade, sua região ou país, enriquecido com visitas a locais determinados, tais como museus, fábricas, entre outros.

O uso do museu como fonte de pesquisa e produção do conhecimento, possibilita ao aluno a apropriação dos saberes e dos valores culturais da comunidade, reforçando a capacidade crítica, a curiosidade e os questionamentos, visto que as exposições museológicas como recursos discursivos o passado não são algo pronto, necessitam de novas leituras críticas e interpretações. Logo, a visita ao museu deve”[...] ser revestida de um aprofundamento pedagógico, entendê-lo como fórum, es-

# ETAPAS DA UNIDADE DIDÁTICA

paço da pergunta, dos debates, dos questionamentos”(ABUD; SILVA; ALVES, 2013, p. 136).

- **Objetivos:**

- Possibilitar o conhecimento dos lugares de memória do trabalho e refletir acerca das condições laborais.
- Propiciar um contato direto do aluno com as fontes patrimoniais no âmbito local.
- Refletir sobre as memórias preservadas e expostas, assim como as ausências das memórias não apresentadas nas exposições, despertando a criticidade e a curiosidade.

- **Duração:** 4h/a

- **Material utilizado:** câmeras fotográficas ou aparelhos de Smartphones para registros das fotografias, equipamentos de proteção individual (EPI).

- **Metodologia:** visita técnica (lugares de memória do trabalho, museu e memorial) e interação entre os estudantes, os professores e os guias.

**Figura 4:** Alunos do Curso Técnico Integrado em Mineração no Parque Temático Mina Brejui.



**Fonte:** Autoria própria.

# ETAPAS DA UNIDADE DIDÁTICA

## 4º ENCONTRO :

### ATIVIDADE IV: Aula dialógica e roda de conversa.

É importante aprofundar os conteúdos sobre a visita técnica realizada. Para isso, podem ser organizadas rodas de conversa sobre a visita, para que os discentes possam expor suas dúvidas, curiosidades e outros aspectos que eles considerarem importantes sobre as etapas da visita. De acordo com Abud, Silva e Alves (2013), a volta para a escola não precisa pôr fim à experiência da visita; pelo contrário, esse é o momento em que os alunos explicitam questões, dúvidas e curiosidades.

A Roda de conversa como metodologia educativa contribui para o entrelaçamento de saberes, abrindo caminhos para que o aluno construa sua autonomia através das relações dialógicas, inserindo-se assim no processo histórico de sujeitos fazedores da sua própria história. (FREIRE, 1996).

#### • **Objetivos:**

- Aprofundar conteúdos sobre a visita técnica aos locais de trabalho, museu e memorial, realizada na aula anterior.
- Propor discussões e levantamentos de questões para a construção do conhecimento.

#### • **Duração:** 2h/a

#### • **Material utilizado:** quadro branco, pincel e projetor.

#### • **Metodologia:** aula dialógica e roda de conversa.

## 5º ENCONTRO:

### ATIVIDADE V: Oficina de História Oral

De acordo com Meihy (2005), os projetos com a História Oral exigem planejamentos para desenvolvimento da pesquisa, pois não basta alguém munido de gravador e um ou mais depoentes dispostos a dar entrevistas: “É preciso um projeto que oriente as escolhas, que especifique as condutas e qualifique os procedimentos metodológicos” (MEIHY, 2005, p. 59).

Para realização da Oficina de História Oral,

**A História Oral pode ser entendida como um método de pesquisa histórica, antropológica e sociológica que contempla a realização de entrevistas com grupos que participaram e testemunharam acontecimentos diversos, como forma de se aproximar do objeto de estudo.**  
(ALBERTI, 1990).

# ETAPAS DA UNIDADE DIDÁTICA

dividimos a aula em dois momentos: no primeiro, realizamos uma exposição em slides, explicando as orientações para realizar a pesquisa com as fontes orais, explicitando o conceito de História Oral e as etapas que compõem o projeto, as potencialidades metodológicas, os procedimentos e a transcrição. Após a aula, foi entregue aos alunos um material de orientação para auxiliar no desenvolvimento da sua pesquisa.

O segundo momento foi a aula prática, para que os alunos aprendessem a manusear o aparelho de gravação e a perceber o processo na prática, para, assim, obter o melhor resultado, utilizando o equipamento de modo adequado. Nessa etapa, os alunos utilizaram os seus aparelhos de *smartphones*.

**Figura 5:** Momentos da realização da Oficina de História Oral com os alunos.



Fonte: Autoria própria.

# ETAPAS DA UNIDADE DIDÁTICA

- **Objetivos:**

- Preparar os alunos (tecnicamente e metodologicamente) para a realização de entrevistas com a História Oral.

- **Duração:** 3h/a

- **Material utilizado:** quadro branco, pincel, projetor, gravadores ou aparelhos Smartphones para realização das entrevistas.

- **Metodologia:** Aula expositiva com a apresentação em slides sobre a pesquisa por meio das fontes orais (etapas, métodos e procedimentos necessários para a sua execução).

## 6º ENCONTRO:

### ATIVIDADE VI: Realização das entrevistas com os antigos trabalhadores.

Nesta etapa, o professor pesquisador deve propor atividades extra classe por meio da realização das entrevistas com antigos trabalhadores, conduzindo os discentes à investigação e à pesquisa a partir do contato com as fontes orais, tornando-os produtores de conhecimentos.

O uso das fontes orais como método de pesquisa na sala de aula, instiga o aluno à curiosidade e ao protagonismo na busca de saberes, pois, muito além do conhecimento e da utilização de equipamentos e materiais, a pesquisa como princípio educativo propicia o desenvolvimento da atitude científica, o que significa contribuir, entre outros aspectos, para a capacidade de analisar, interpretar, criticar e rejeitar ideias fechadas. (BRASIL, 2013).

- **Objetivos:**

- Conduzir os alunos à investigação e à pesquisa a partir do contato com as fontes orais, tornando-os produtores de conhecimentos.

- **Duração:** 2h/a

- **Material utilizado:** aparelhos de *Smartphones* para a realização das entrevistas.

- **Metodologia:** entrevistas semiestruturadas com os antigos trabalhadores.

# ETAPAS DA UNIDADE DIDÁTICA

## 7º ENCONTRO:

### ATIVIDADE VII: Socialização das entrevistas.

Nessa fase da pesquisa, é importante a socialização das entrevistas dos alunos. Estes devem apresentar as informações colhidas: quem foi o entrevistado (opcional, para preservar a identidade), o local onde realizou a entrevista e como se deu esse processo.

Para concessão das entrevistas, os depoentes assinaram o Termo de Autorização para gravação de voz e imagens fornecidos pelo Comitê de Ética.

#### • **Objetivos:**

- Apresentar entrevistas realizadas pelos alunos em forma de seminários.
- Promover questionamentos, debates, curiosidades e reflexões.

• **Duração:** 2h/a.

• **Material utilizado:** quadro branco, pincel e apagador.

• **Metodologia:** socialização dos conhecimentos.

## 8º ENCONTRO:

### ATIVIDADE VIII: Avaliação dos resultados.

Avaliação poderá ser realizada por meio de rodas de conversa e aplicação de questões. É importante deixar os alunos à vontade, para elencar pontos positivos e/ou negativos da Unidade Didática posta em prática e elementos que foram significativos na aprendizagem. O professor deve reavaliar a Unidade Didática, inserindo novas atividades ou excluindo aquelas que apresentaram problemas na avaliação dos alunos ou que não foram proveitosas e que precisam melhorar.

#### • **Objetivos:**

- Avaliar a Unidade Didática a partir de relatos dos alunos.
- Registrar as informações necessárias para o desenvolvimento da avaliação da intervenção.

• **Duração:** 1h/a.

• **Material utilizado:** quadro branco, pincel e apagador

• **Metodologia utilizada:** roda de conversa e aplicação de questões para avaliação da Unidade Didática.

# ALGUMAS SUGESTÕES PARA O PROFESSOR!

**P**ara a aula que envolve o estudo do meio, é importante que o professor estabeleça uma sequência de ações para a realização das atividades, tais como: o aprofundamento de conteúdos (conceitos e informações de cada uma das disciplinas envolvidas), a socialização dos alunos e a sua formação intelectual (observação, comparação, analogias). (BITTENCOURT, 2011).

A visita ao Museu precisa ser organizada em três momentos: antes da visita, durante e depois. (SCHMIDT; CAINELLI, 2009).

## **Antes da visita:**

- Apresente aos seus alunos os objetivos da visita ao museu e esclareça dúvidas que porventura eles tenham. Também podemos agregar sugestões dadas por eles.
- Se seus alunos nunca foram a um museu, é importante preparar bem a visita para desmistificar a ideia que muitos têm de que o museu é “lugar de coisa velha”.
- Visite o museu com antecedência e veja se há monitores e roteiros predeterminados, pois é a partir disso que podemos melhor aproveitar a visita.
- Caso não haja monitores e roteiros, elabore um para a visita.

## **Durante a visita:**

- Promover reflexões, questionamentos e curiosidades.
- O roteiro estabelecido deve permitir aos alunos direcionarem o olhar para os objetos e vê-los não apenas como guardiões de memória, mas como provocadores da história e formadores de consciência histórica.

## **Depois da visita:**

- Retome na aula o que foi visto e discutido na visita ao museu.
- Construa, com os alunos, narrativas sobre a visita e sobre os conteúdos discutidos com a aula no museu. Pode ser uma exposição, roda de conversa, mural, paradidáticos, entre outros.

**P**ara a realização de projetos que envolvam a História Oral, faz-se importante destacar alguns elementos, segundo as concepções de Meihy (2005), Santhiago e Magalhães (2015), Alberti (2004).

- Explicar aos alunos o que é História Oral e a importância para a construção do conhecimento histórico. É importante abrir uma discussão sobre o que seja a “verdade” histórica, tomando-a como uma construção.
- Explicar as etapas, métodos e procedimentos para a realização da História Oral.
- Preparar os alunos para a realização de entrevistas, como manusear o aparelho, os métodos e as técnicas.
- Preparar um projeto de pesquisa, agendar (data, local e horário).
- Escolher um objeto de estudo e o público-alvo.
- Orientar os alunos para que se mantenham discretos durante as entrevistas, evitando demonstrações de espantos, discordâncias e interferências ao longo dessa atividade.
- Não interromper o entrevistado e respeitar os momentos de emoção, silêncio e esquecimento.
- Preparar uma carta de cessão ou documentos para a autorização de gravação de voz de imagem dos entrevistados.
- Recolher os dados pesquisados e organizá-los.
- Estabelecer correlações, comparar versões.
- Elaborar reflexões baseadas nas análises dos dados.
- Divulgar os resultados da pesquisa. A divulgação pode ser feita por meio de atividades tais como: produção de texto, exposição oral, realização de vídeos, exposição em mural, entre outros.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de disponibilizar aos docentes uma estratégia de ensino no Ensino Médio Integrado, esperamos que esta Unidade Didática possa despertar a busca por novas formas de intervenção pedagógica que promovam uma aprendizagem crítica e a formação integral dos discentes.

O material disponibilizado em forma de e-book foi desenvolvido no Ensino Médio Integrado, na disciplina História, e apresenta uma sequência de atividades que estimulam o debate, a pesquisa como princípio educativo, a criticidade, a reflexão e a construção de novos conhecimentos. O nosso objetivo foi possibilitar ao aluno, uma atitude crítica e reflexiva, a produção de conhecimentos, o desenvolvimento da autonomia intelectual, a compreensão e participação da realidade social.

Desse modo, acreditamos que a reflexão histórica é um caminho para a construção de cidadãos críticos e emancipados.

Ressaltamos que não tivemos a intenção de apresentar um manual pronto e acabado, o que seria impossível pela amplitude da temática aqui descrita, como também pelo fato da proposta de ensino ser flexível e passível a adaptações. Dessa forma, o docente pode, inclusive, fazer adaptações com a História Local e as memórias do trabalho, de acordo com a região específica.

Por fim, esperamos que este material possa contribuir para os estudos e as práticas que envolvam a História Local e o mundo do trabalho, na perspectiva da formação da consciência histórica, servindo de parâmetro para futuras reconstruções, sob outros enfoques e olhares.

# REFERÊNCIAS

- ABUD, K. M.; SILVA, A. C. de M.; ALVES, R. C. Espaços da História: ensino e museus. *In*: ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. (org). **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2013. p. 125-146.
- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 14.
- ARAÚJO, Ronaldo Marcos Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas no ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago. 2015.
- ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Práticas pedagógicas e ensino integrado**. 1. ed. Curitiba: IFPR, 2014. (Coleção formação pedagógica, v. 7).
- BARCA, Isabel. Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. **Currículo sem fronteiras**, Portugal, v. 7, n. 1, p. 115-126, jan./jun., 2007.
- BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de história. *In*: BITTENCOURT, Circe. (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 11-27.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. Decreto nº. 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p. 18, 23 jul. 2004.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica **Diretrizes curriculares nacionais da educação básica**. Brasília, DF: MEC, 2013. p. 144-264.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília, DF: MEC 2006. v. 3, p. 65-97.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio**. Brasília, DF: SEMTEC: MEC, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília, DF: MEC: SEF, 1997.

CAINELLI, Marlene; SANTOS, Flávio Batista. O ensino de História local na formação da consciência histórica: Um estudo com os alunos do ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**. Curitiba, v. 9, n. 21. p. 158-174. Jan/abr. 2014.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

Clavatta, Maria. A cultura do trabalho, e a educação plena negada. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 5, p. 164 a 183, Jun / jul. 2011.

Clavatta, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho e o trabalho como lugares de memória e de identidade. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio; Clavatta, Maria; Ramos, Marise (org.). **Ensino Médio Integrado: Concepções e contradições**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 83-106.

Clavatta, Maria. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: a historicidade da Educação Profissional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

Delgado, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Demó, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 14. ed. São Paulo. Cortez, 2011.

Dionne, Hugues. **A pesquisa- ação para o desenvolvimento local**. Brasília, DF: Liber Editora, 2007.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Um lugar na escola para a história local. **Ensino em Revista**, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 43-51, jan./dez. 1995.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de Ensino de História. **História Oral**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 125-141, jan./jun. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. A gênese do Decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. (org.). **Ensino médio integrado**: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2012. p. 21-56.

LEITE, Priscila de Souza Chisté. Pesquisa-Ação em mestrados profissionais: análise de pesquisas de um programa de pós-graduação em ensino de ciências e de matemática. **Revista Ciência e Educação**, Bauru, v.22, n. 3, p. 789-808, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida. A história local e a sua didáctica: relação história local/história nacional. *In*: MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida. (org.). **Didáctica da história**: patrimônio e história local. Lisboa: Texto, 1994.

MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Novos temas nas aulas de história**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 135-152.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994. (Caminhos da história).

MOURA, Dante Henrique. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração. **Holos**, Natal, v.2, n. 23, p. 4-30, 2007.

MOURA, Dante Henrique. Ensino médio e educação profissional: dualidade histórica e possibilidades de integração. *In*: MOLL, Jaqueline *et al.* (org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 58-79.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 3, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência Didática Interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RAMOS, Marise. Ensino médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. *In*: MOLL, Jaqueline *et al.* (org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 42-57.

RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte. Subcoordenadoria de Educação Profissional. **Estrutura do projeto pedagógico do curso técnico de nível médio integrado em mineração**. Natal: [s. n.], 2017.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: Passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *In*: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: UFPR, 2011, p.23-40.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. *In*: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: UFPR, 2011. p. 51-77.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília, DF: UnB, 2001.

SAMUEL, Raphael. Documentação: história local e história oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-243, set. 1989 a fev. 1990.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa. **História oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. **Cadernos Cedes**, Campinas, Vol. 25, n.67, p. 297-308, set./dez. 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. *In*: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org.). **Ensino de História: Sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007. p. 187-198.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; GARCIA, Tânia Braga. Significados do pensamento de Jörn Rüsen para investigações na área da educação histórica. *In*: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: UFPR, 2011, p. 11-20.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar História no século XXI: em busca do tempo perdido**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

# CONHEÇA MAIS SOBRE O PARQUE TEMÁTICO MINA BREJÚÍ



[www.minabrejui.com.br](http://www.minabrejui.com.br)